

O FIM DE UM CICLO

Em dezembro de 1994, a maioria de camaradas dentre os militantes de Comunismo ou Civilização (CouC) concluiu uma reflexão conduzida por mais de dois anos decidindo parar a publicação da revista, vinte anos após sua constituição. Essa decisão corresponde ao profundo sentimento de que o ciclo aberto em 1976 havia terminado. Alguns camaradas de CouC não compartilharam dessa análise e suas explicações encontram-se no número 14 da Revue Internationale du Mouvement Communiste – Revista Internacional do Movimento Comunista (RIMC). Devemos aos nossos leitores e simpatizantes uma explicação e um histórico de nossa argumentação.

1 – Às origens.

A constituição de CouC em 1976 inscreveu-se em um projeto preciso: fundamentar as posições gerais do movimento revolucionário atual sobre o “retorno a Marx”. Trata-se, sob esta fórmula, de reatar a tradição do socialismo científico, de tirar as lições da ação do partido para esclarecer os problemas de hoje e a atividade de amanhã. Nessa tarefa, a Esquerda Comunista da Itália foi considerada como a corrente que mais fielmente soube assegurar a continuidade do programa comunista desde a derrota da IIIª Internacional. O ponto de partida de CouC é tanto a restauração do programa comunista, como diz a Esquerda, quanto a compreensão das descontinuidades eventuais entre os séculos XIX e XX, nos planos político e tático.

No entanto, é necessário lembrar que:

- a) “Fundamentar as posições gerais do movimento revolucionário” supõe um confronto teórico sem concessão com todos os desvios anunciados por este movimento em geral e por alguns de seus componentes em particular (como por exemplo, a teoria da decadência, a análise das crises, etc.);
- b) Os limites históricos da Esquerda foram de imediato sublinhados (cf. CouC Nº 1) em uma crítica que retomava, desenvolvendo-a, aquela iniciada pela revista “Invariance” (1966-1969). Deste ponto de vista, o Grupo Comunista Mundial, que havia anunciado formalmente uma vontade de “retorno a Marx”, não podia ser considerado como um quadro teórico adequado. A profunda distância entre as intenções anunciadas e os resultados do trabalho teórico desse grupo, assim como o seu funcionamento real próximo de uma seita, desconsiderava-o definitivamente para a tarefa. A revista “Comunismo ou Civilização” nasceu em seguida a uma cisão com tal grupo.

2 - O ciclo de CouC.

A análise que fazemos hoje é que o trabalho de “retorno a Marx”, que foi fecundo, cumpriu sua finalidade, mas acabou desestabilizando o que pretendia estabelecer. Em outras palavras, introduziu-se uma distância crescente entre os resultados do aprofundamento do trabalho de “restauração teórica”, a partir de Marx, e as posições teóricas e políticas do início.

Em 1976, CouC herdou uma boa parte das posições próprias do meio revolucionário, para o qual a guerra de 1914 desencadeou mudanças econômicas e políticas tais que convinha superar a ação do movimento operário do “século XIX”. Um bom número de seitas do meio revolucionário onde CouC se banha fazem dessas posições uma característica do comunismo revolucionário moderno. As “fronteiras de classe” do CCI são um bom exemplo deste ponto de vista. A própria Invariance,

mesmo colocando-se como herdeira da Esquerda, não admitiu a integração dos sindicatos? Não julgou positivamente certos aspectos da Esquerda Alemã (cf. N^os 6 e 7 de sua primeira série)?

Na época, a atitude de CouC procurava no entanto compreender como o partido analisou a situação no século XIX, época em que o momento teórico-prático foi mais elevado, para também discernir o lado caduco. Entretanto, não é retomando pseudo-teorias como a da decadência que CouC pretendia cumprir essa tarefa, mas apoiando-se na obra científica de Marx e Engels.

O conceito de periodização em fase formal/fase real restaurado por Invariance particularmente abriu essa possibilidade. De fato, como primeiro passo na direção do retorno a Marx, CouC fala de fase de submissão formal e fase de submissão real do trabalho ao capital lá onde Invariance fala de dominação formal/real do capital. Mas tratava-se ainda de uma ruptura mais nas palavras do que nos conceitos.

Do seu lado, CouC igualmente merece críticas. É o caso da questão filosófica, em que suas concepções inspiram-se em uma tradição que remonta a Lukacs (o da “História e Consciência de Classe”) e que de modo geral figura na panóplia filosófica da “ultra-esquerda”.

Ainda restavam muitos aspectos a serem fundamentados. Esperando-os, CouC retomou o quadro de referência dado pelo n^o 6 da primeira série de Invariance (1969). Este último não trata de todos os temas necessários para uma primeira delimitação. A redação das “Teses Complementares”, escritas no n^o 1 de CouC em 1976 tem esse propósito. De um modo mais geral, CouC reivindica a Esquerda Comunista da Itália, em continuidade a Invariance. CouC pretende encarnar o espírito verdadeiro, a essência, além da lengalenga formal e da degenerescência real dos representantes mais “oficiais”. Mas CouC prosseguiu a relativização da esquerda como relativizou a própria Invariance. O leque das divergências é grande quando se trata das concepções erradas de CouC, que têm muitas diferenças em relação à Esquerda, embora passe pelos fracassos evidentes desta última (por exemplo, a questão das crises ou do partido). Quanto ao próprio conceito de “invariância da teoria”, qualquer que seja sua validade, ele está lá para encurtar um debate que não se quer travar e mostrou a relação com a Esquerda da Itália. Ele é, por si próprio, suficientemente forte para dar uma tonalidade e uma visão geral das respostas que CouC poderia dar sobre tal ou qual tema e, portanto, ao mesmo tempo, dispensa CouC de tomar posições sobre o que ele não queria ou não podia tratar.

Em um isolamento sectário esplêndido CouC empreende uma tarefa que vai surpreendê-lo: o retorno a Marx. Com efeito, antes de poder fundamentar quaisquer posições novas são as posições iniciais de CouC que são rapidamente minadas. A idéia de uma diferença de pensamento verdadeira entre Marx e Engels, freqüentemente vendida nos meios de ultra-esquerda e estalinistas (por exemplo, Althusser faz dela um de seus cavalos de batalha), não tem qualquer fundamento. CouC capitula portanto na questão filosófica. Quando CouC avança em certos domínios é para melhor se apropriar e compreender o socialismo científico. Desde que põe pedras que não estejam na fundação desse edifício, segue-se rapidamente a ruína (por exemplo, a questão sindical). Duas séries de trabalhos desembocam em uma conclusão que cada vez mais se insinua em CouC e que torna caduco seu projeto original. Trata-se da periodização do capital e da história do movimento proletário.

O primeiro estudo mostra que as formas mais modernas do modo de produção capitalista estão presentes desde a primeira metade do século XIX. O segundo estudo divulga as posições de Marx e Engels sobre as questões essenciais do movimento operário, mas revela-se incapaz de mostrar sobre o quê se apoiariam as diferenças no período atual. Segue-se uma tendência a elidir, a transferir para mais tarde, a diferir, tanto as respostas como os problemas levantados. Todo movimento

revolucionário (tratando-se da segunda ou da terceira internacional, ou de seus herdeiros, no caso presente o meio revolucionário) vive há mais de um século com a idéia de que o capitalismo contemporâneo transformou-se na virada do século e, com mais razão, com a guerra de 1914 que selou dramaticamente estas metamorfoses. CouC foi também herdeiro de tais pressupostos. O estudo do movimento operário, permanecendo nas bases do socialismo científico, tinha por objetivo mostrar no quê consistiam as posições de Marx e Engels; mostrar no quê elas eram válidas à sua época e em que bases se podiam fundamentar as descontinuidades.

Esse último objetivo, mesmo que seja independente dos dois primeiros, jamais será atingido. E com razão! Como, paralelamente, a compreensão da periodização do capital torna cada vez mais evidente, tal corte não pode ser fundamentado na análise da base material da sociedade. Os conceitos de fase de submissão formal e de fase de submissão real do trabalho ao capital revelam-se conceitos científicos mais ricos para a compreensão do mundo moderno e pode-se facilmente demonstrar que não saímos da fase de submissão real do trabalho ao capital. Não obstante, o conceito de fase de submissão real não dispensa estudar a história e a fase real tem, ela própria, uma história.

Quando as distâncias ficaram muito gritantes, pudemos explicitar as mudanças de posição, por exemplo, na questão filosófica reafirmando a validade das posições de Engels na “Dialética da Natureza” contra a crítica de Lukacs. Em compensação, é justo reconhecer aqui que muito freqüentemente o debate e suas conclusões foram desviados, quer se tratasse da “questão sindical” ou da “questão nacional”, para citar apenas dois pontos. Mais exatamente, os fundamentos teóricos foram restaurados sem que as conclusões práticas tivessem sido sempre tiradas, o que não impedia que os que sabiam ler de tirá-las por si próprios (cf. a troca crítica com o CWO sobre as questões do valor em escala internacional em CouC N°21, Novembro de 1986 pp.42-46).

Vários anos de trabalho conduzem a essa direção que outros trabalhos verificam. Cada vez que andamos no sentido de Marx e Engels, progredimos; inversamente, cada erro de interpretação ou conclusão insuficientemente fundamentada tornou-se nossa confusão. Ora, não há apenas uma dimensão teórica interna a CouC. Ao mesmo tempo, a realidade do desenvolvimento do modo de produção capitalista colocava certos problemas que confirmam, a cada vez, mil vezes a teoria de Marx, mas que colocavam em cheque as interpretações dos epígonos, quaisquer que fossem, i.e., todos os componentes do meio revolucionário atual. O despertar da história da Europa viria precipitar essa evolução tornando evidente a derrota da ideologia da ultra-esquerda e, de modo mais geral, do que é a marca do meio revolucionário quando se confunde todas as tendências. A reunificação democrática da Alemanha, a guerra dos Bálcãs, a derrocada do “socialismo”, abriram abismos que são o túmulo destas ideologias. Ao contrário, elas sinalizam uma nova vitória irremediável do socialismo científico. O encontro de dois fenômenos: a re-apropriação teórica realizada por CouC e o movimento da história real desembocou na conclusão atual de que o ciclo iniciado em 1976 está fechado. Baseando-se nos resultados obtidos, é possível continuar um trabalho de apropriação e de desenvolvimento teórico das posições revolucionárias, livre da ambigüidade inicial e ainda mais resolutamente voltado à continuidade teórico-prática em relação à obra de Marx-Engels.

Ao mesmo tempo, nosso grau de ruptura com o meio revolucionário originário da IIIª internacional é cada vez maior. Todas as tentativas de provar uma descontinuidade nos fenômenos históricos, descontinuidade que justificaria modificações dos fundamentos teóricos elaborados por Marx e Engels, fracassaram. O trabalho teórico a ser feito é imenso. Trata-se de analisar um século de desenvolvimento histórico sem o recurso aos artefatos cômodos que se apresentaram no período pós-revolucionário (o dos anos 1920).

Para afirmar essa ruptura, é necessário mudar o nome e proclamar o fim de “Comunismo ou Civilização”.

3- Meio revolucionário e movimento real.

De certa maneira, dois elementos fundamentais caracterizam o meio revolucionário atual e de modo mais geral todas as correntes originárias da derrota da IIIª Internacional:

- a) A idéia de que o modo de produção capitalista acabou seu percurso, o que se traduz por uma gama de explicações baseadas em uma periodização errada deste modo de produção (ascendência/decadência para os luxemburgistas como o CCI, fase imperialista para os leninistas e a Esquerda da Itália, capitalismo agonizante, podre, etc. em geral).
- b) A idéia de que a derrota da IIIª Internacional deveu-se exclusivamente a erros táticos e que o movimento deve romper com as antigas expressões (parlamentarismo, sindicatos, democracia, etc.).

Some-se a isso, de maneira mais geral, uma esclerose total da teoria e um desprezo constante do trabalho teórico, que se traduz para uns em sua negação pura e simples, e para outros no postulado de que a teoria revolucionária está fechada e definitivamente restaurada, bastando colocar no ponto uma nova tática. Ora, se a teoria comunista bem merece o nome de científica é porque ela permanece a única, contra todas as teorias e disciplinas da ciência burguesa, capaz de compreender o mundo na perspectiva de sua transformação revolucionária. Ainda falta querer e fornecer o esforço necessário.

A caricatura desse abandono da função revolucionária da teoria reside sem dúvida no CCI, que certamente compreendeu a função revolucionária ... do processamento de texto. Basta, sistematicamente, substituir “Etiópia” por “Ruanda” ou “ex-URSS” e de segui-la por “produto da decomposição do capitalismo”, para produzir à vontade *n* números de “Revolução Internacional”. Do potente instrumento de crítica da realidade que é a teoria comunista, não resta mais nada. Deste ponto de vista, lançado há muito tempo na órbita da repetição do mesmo, vítima de uma espécie de doença de Alzheimer da teoria revolucionária, o CCI é impermeável a toda análise mesmo pouco crítica da realidade, que ele somente vê através de seus óculos deformadores.

Entretanto, no seu conjunto o meio revolucionário não pode escapar à consciência de sua própria falência; falta-lhe simplesmente a lucidez e a coragem para tirar as conclusões necessárias.

Às vezes afloram dúvidas na imprensa do meio, mas que não são nada exploradas. Por exemplo, na sua edição N°13, de 1995, "CWO-Communist Workers Organisation" (Organização de Trabalhadores Comunistas) escreveu:

“Mesmo o capitalismo decadente, que destrói o planeta de inúmeras maneiras, pode produzir alguma coisa potencialmente positiva para a humanidade como um todo.”

Mas conclui imediatamente abaixo (com uma curiosa referência a eventuais protestos do CCI, como se tratasse de não contrariar este último):

“Não há dúvida alguma que estes camaradas (do CCI NDR) negarão isso baseando-se no fato de que nada há de positivo no capitalismo do século XX. No entanto, como dissemos em “As bases materiais da guerra”, reconhecer que houve um crescimento econômico depois de 1914 não é dizer que o capitalismo hoje é historicamente progressista ...” (idem).

Dito de outro modo, o modo de produção capitalista continua a desenvolver as bases materiais do comunismo (ao exemplo, justo, do CWO sobre o desenvolvimento das telecomunicações, poder-se-ia acrescentar o fenômeno, bem mais geral, da diminuição do tempo de trabalho necessário, conforme as previsões de Marx), mas isso nada tem de progressista, nem de positivo para o proletariado. Entenda quem puder!

A propósito, justamente, do problema do tempo de trabalho, os “Cadernos do marxismo vivo” consagram André Gorz, sociólogo reacionário do qual já criticamos seus escritos na RIMC N° 4 como representante de um “novo utopismo”, em que se pode ver um “sinal dos tempos”. Ora, se a visão utópica, a de Fourier, de Owen, era realmente, sob uma forma ainda imatura, o sinal anunciador da verdadeira crítica da sociedade capitalista efetuada cientificamente por Marx e Engels, as “proposições” dos Gorz e de outras correntes sindicais-humanistas são apenas uma enésima metamorfose de um reformismo dos mais crapulosos.

No mesmo artigo (intitulado “Qual Futuro?”), os “Cadernos” ressaltam muito justamente que “contrariamente ao que pretendem os teóricos do declínio das forças de produção, o capitalismo não pára de se espalhar”, e saúdam como um fenômeno “revolucionário” (as aspas são dos Cadernos) a junção das áreas euro-americanas com a área dita do Terceiro-Mundo, no mesmo movimento de expansão das forças produtivas capitalistas. Todavia, não tiram daí conclusões quanto às perspectivas revolucionárias além de uma prudente adaptação que empurra a “formação de uma massa revolucionária” (Marx-Engels) e de um “partido resolutamente anticapitalista” (Cadernos) para “daqui a vários anos”. Ora, tal fenômeno condiciona igualmente a análise produzida por Comunismo ou Civilização e, notadamente, induz uma reflexão sobre a forma que deve assumir hoje a atividade revolucionária, exposta mais adiante no ponto 4.

Quanto ao PCI-Programme Communiste, ele se dedica a contorções sobre a previsão em seu número de maio de 1995. Retomando um estudo de economistas americanos, o que é realmente uma mania, o PCI não prevê risco de guerra mundial antes de 25 anos, i.e., em 2020. Isso parece plausível, pois a fase atual corresponde a um novo desdobramento das relações de força entre as grandes potências imperialistas e tal redistribuição tomará necessariamente tempo (indubitavelmente o de uma geração), antes de conduzir as contradições a um ponto tão agudo que recolocará a questão da guerra mundial e a da revolução comunista. Esperando por isso, é o próprio PCI que ostenta contradições insolúveis.

De um lado, com efeito, o PCI reconhece que é graças à seu dinamismo econômico e, notadamente o da Alemanha e do Japão, que o modo de produção capitalista (MPC) chega à perspectiva de uma partilha imperialista inevitável em escala mundial. Mas, por outro lado, afirma-se ter tido razão de ver na fórmula de Eisenhower, que prometia em 1954 “40 anos de paz fria”, a perspectiva “de um regime em putrefação, incapaz de não oferecer mais nada do que o prolongamento extenuante de sua crise e, no entanto, ainda bastante forte para pensar em poder permitir quarenta anos de agonia purulenta”. Eis, portanto, que muito ao contrário de uma agonia, o MPC soube mostrar sua vitalidade. Mas, o PCI afirma em 1995 ter tido razão nesse comentário de 1954, reconhecendo hoje que “o regime burguês fez a demonstração de sua capacidade de resistir à sua própria crise”. (p. 2)

Adiante o PCI afirma: “Agora não há mais possibilidade de uma expansão econômica consistente que beneficiaria (sic!) todos os países capitalistas, como era o caso há trinta ou quarenta anos” (p.3, sublinhado por nós). Portanto, há trinta ou quarenta anos o capital podia oferecer uma “expansão econômica consistente”, desde o próprio leito de sua “purulenta agonia”. Em lugar de provocar uma reviravolta na ciência, isso interessará certamente à psiquiatria ou à neurologia (sempre Alzheimer)!

Encontram-se as mesmas incoerências quando se trata da guerra. O PCI sublinha que “para o capitalismo internacional, apenas uma guerra mundial pode dar as condições de uma retomada em grande escala do ciclo produtivo” (p. 10). Em outras palavras, trata-se aí de uma perspectiva futura e de uma ameaça para o proletariado e a humanidade. Mas, algumas linhas adiante, pode-se ler o seguinte: “a derrocada da URSS, dando o pontapé de saída de uma nova partilha do mercado mundial, dá, ao mesmo tempo, uma séria baforada de oxigênio ao capitalismo mundial, um alongamento suplementar de um a dois decênios antes dos prazos fatais.” (p.11) Por conseguinte, o capitalismo mundial é capaz de obter sem guerra o que em outra ocasião ele não poderia realizar senão por intermédio da guerra mundial.

De fato, o PCI é incapaz de ir até o final de suas críticas que ele mesmo induz em sua própria teoria. De um lado, conservam-se os argumentos gastos sobre a crise permanente do capitalismo, sobre a previsão, etc. De outro lado, a própria realidade histórica força a formulação de novos elementos, de dúvidas, mas estes são simplesmente justapostos à argumentação anterior, gerando assim essa inverossímil bagunça teórica.

De seu lado, PI-Perspective Internationaliste prossegue (cf. N°28, maio de 1995) em grande parte uma derivação do que havíamos comentado em nosso número 22. A menção à "FECCI-Fraction Externe du Courant Communiste International" foi retirada, demonstrando assim uma inelutável evolução. No entanto, a PI também não esclarece suas posições, que parece fazer parte de um debate interno cujo detalhe não é exposto. Entre a rejeição pura e simples da perspectiva comunista, que parece tentar certos elementos nas filigranas, e a reafirmação do programa comunista, mas mal compreendido, ainda mal liberados do passivo (teoria da decadência), resta à ex (?) FECCI um esforço a ser feito para se mostrar verdadeiramente revolucionária.

Mais recentemente, pôde-se observar interrogações no "Mouvement Communiste" sobre os limites da atividade revolucionária e mesmo uma inconstância na invariância que estupefaz os altivos guardiães do templo, os militantes do "Programme de la Société Communiste".

Freqüentemente ocorre a Comunismo ou Civilização avançar, de maneira subterrânea, o entendimento do movimento revolucionário. Pudemos notar que elementos importantes de “restauração” como, por exemplo, a periodização, a dialética do partido histórico e do partido formal, etc., sobre os quais particularmente temos insistido, “difundiram-se” no meio, onde foram às vezes parcialmente retomados, não necessariamente com grande coerência. Ao mesmo tempo, precisamos: de maneira “subterrânea”, pois tal influência sempre ficou difusa, discreta, pois não temos como linha de conduta participar dos “debates” acalorados, conferências, etc., preferindo agir no plano exclusivo da defesa da teoria. Nossas contribuições raramente foram em algum lugar objeto de confrontos sérios (descartamos aqui o “trabalho” absurdo do Groupe Communiste Mondial e sua fixação paranóica em CouC).

O movimento revolucionário atual é, de fato, sempre menos capaz de conduzir bem as tarefas da época. Ele desempenhou, e continua desempenhando, um papel de difusão e de defesa das idéias gerais do comunismo revolucionário e internacionalista, mas é, a cada dia, menos capaz de um esforço teórico que de vários lados destruiria a casca ossificada e dissecada na qual ele aprisionou a teoria revolucionária. Em todos os seus componentes, portanto incluindo-nos, o meio igualmente sofreu as pauladas que a história lhe administrou. Uma parte do meio acabou soçobrando, outra se manteve, mas escorregando em concepções sempre mais fantasmagóricas. Pode-se, portanto, constatar objetivamente que o meio está exangue. Numerosas expressões fragmentárias dele desapareceram (UP-Union Proletarienne, Alarme, l’Aube, etc.), outras estão em crise ou mudas

(FECCI, FCI), e outras que mantêm o essencial ao preço de uma degeneração considerável da reflexão, mesmo se o nível de partida já não fosse tão brilhante (CCI, bordiguistas). Além disso, certas cristalizações esperadas em outras áreas ao longo dos anos 1980 revelaram-se precárias (Argentina, Índia, Irã, Japão, etc.). De fato, o meio não elaborou nenhuma ferramenta para enfrentar a situação atual no plano teórico e não pode repisar velhas fórmulas sempre mais inadequadas. A única reação sã e única atitude realmente coerente é a nossa, que é a defesa incondicional do socialismo científico. Sem, portanto, renunciar a desempenhar um papel no e com o meio, sem dele modificar fundamentalmente a definição, devemos constatar que os fatos nos forçam a tomar uma distância ainda maior com o meio ou do que dele resta. Não renunciamos, por essa razão, à atitude que recusa o sectarismo e esforçamo-nos para avançar pontos comuns favorecendo a unidade das forças proletárias.

Sempre preocupados com o rigor revolucionário, com o respeito à teoria comunista concebida como totalidade, com o enfrentamento sem concessões a idéias recebidas e com os compromissos de onde vierem, e com tanto mais razão do movimento comunista, é que continuaremos nosso trabalho de militantes comunistas.

4 – O futuro do trabalho revolucionário no ciclo da contra-revolução.

Sempre sustentamos a posição segundo a qual, na fase de contra-revolução, de nada adianta fingir que existe um partido revolucionário ou mesmo grupos revolucionários. Sempre afirmamos que CouC não era um grupo e não colocava como meta ser um pólo de reagrupamento de revolucionários, mas uma expressão teórica do trabalho de “restauração” do programa comunista. Hoje, o próprio aprofundamento da contra-revolução e sua duração excepcional obrigam efetivamente a reconsiderar a forma na qual se deve fazer a continuação da atividade, que, mais do que nunca, só pode se situar no terreno da teoria e somente aí.

O problema político colocado às gerações atuais do partido comunista no sentido histórico é duplo. De um lado, um grande esforço científico para reatar, do melhor modo possível, com a tradição do socialismo científico. De outro, um esforço de transmissão deste último que transcende as gerações existentes. Todos os fatores levam a pensar que a forma “livro”, contrariamente à forma “revista” (que exprimia uma adequação à natureza contra-revolucionário do período), torna-se a mais apropriada para continuar nossa atividade. Essa atitude está de acordo com a de Marx e Engels que colocavam, para um período contra-revolucionário menos sombrio do que o atual, a questão de uma passagem da forma revista à forma livro se as dificuldades perdurassem após a derrocada da revolução de 1848.

“No momento, o essencial é que tenhamos a possibilidade de editar, seja uma revista trimestral na qual nos envolveremos diretamente e asseguraremos nossas posições frente às pessoas, seja grandes obras, em que poderemos fazer a mesma coisa sem ter a necessidade de mencionar qualquer um desses hipócritas. Tanto uma solução como outra me convêm; ainda que me pareça que se a reação tenda a se reforçar, a primeira alternativa se apresentará menos segura no longo prazo e a segunda constituirá o único recurso sobre o qual deveremos nos contentar.” (Engels a Marx, 13 de Fevereiro de 1851)

Notemos aqui, todavia, que essa solução de retomada é considerada ao mesmo tempo em que a previsão de uma crise revolucionária era mantida para 1852. De outro lado, as “pessoas” e os “hipócritas” em questão são os membros da “emigração”, isto é do “meio revolucionário” no sentido atual, como mostra esta outra citação extraída de uma carta do mesmo período.

“Percebe-se, cada vez mais, que a emigração é uma instituição que transforma cada um em louco, estúpido ou canalha. Portanto, é necessário manter-se à distância e contentar-se em escrever com toda independência, desconsiderando totalmente o pretense partido revolucionário.” (Engels a Marx 12 de Fevereiro de 1851)

Desse modo, na primeira citação, a revista dirige-se ainda diretamente ao “meio” (para insultá-lo!) e o livro não.

O trabalho de defesa do programa comunista prosseguirá, portanto, nos anos vindouros, sob a forma da publicação de obras. Desde já 4 temas foram estabelecidos para publicação nos próximos anos. Tratar-se-á, de um lado, de reunir todos os materiais publicados durante 20 anos em CouC e que não estão mais acessíveis (em particular, justamente devido à forma revista). De outro lado, aperfeiçoar esses materiais confrontando-os com o rigor do comunismo científico. Os temas sobre os quais trabalharemos prioritariamente são os seguintes:

- O comunismo e o valor
- A crítica da filosofia, da ciência e o louvor à dialética
- História do movimento proletário
- Questão do Estado e da democracia

Por outro lado, existe um dever absoluto de conservação, difusão e defesa do patrimônio revolucionário. O esforço que o meio não tem feito de modo sistemático, já há anos, deve ser retomado. Saudamos a iniciativa da seção de Schio que propõe digitalizar de maneira sistemática todos os textos da Esquerda. Sem perder-se na verborrêia grandiloqüente da burguesia e das mídias em relação, por exemplo, a um fenômeno como a Internet, é uma pena que o meio não se preocupe em investir mais nessa ferramenta que tem como grande mérito ser internacional.

Nossos trabalhos, conforme a regra que foi promulgada pela Esquerda, não serão assinados individualmente, pois são fruto de uma coletividade de trabalho anônima que se situa além das gerações. Também não assinaremos com um nome de partido ou de grupo, o que não teria qualquer sentido. Utilizaremos, para nos identificar claramente como militantes comunistas, o pseudônimo coletivo de Robin Goodfellow, a “velha toupeira” de Marx. Uma questão colocada é a de saber se editaríamos tais obras em editores burgueses ou se isso constituiria um obstáculo redibitório. De fato, consideramos que não há nenhuma objeção a fazer, certamente com a condição de conservar o controle total dos títulos, do conteúdo, dos prefácios, etc. Mas é pouco provável que quaisquer desses editores desejem nos publicar. Mas se isso acontecer faremos de muito bom gosto, pois asseguramos desse modo uma difusão coerente.

Sabemos que o caminho tomado é duro, longo e ingrato. Sabemos também que suscitará, no campo dos filisteus, incompreensões, sarcasmos, insultos e afirmações triunfantes. Não damos a mínima, pois esses filisteus já caíram no ridículo e se encontram em um impasse absoluto. Se ao contrário, para outros, a via que escolhemos for justa, sua participação será bem-vinda.

Robin Goodfellow. Fevereiro de 1998.